

Cidade

Jogo “Baleia Azul” acende alerta sobre comportamento de adolescentes e pais

DOMINGO, 30 ABR 2017



Adriana Luísa Galasso Rossi, psicóloga, diz que jogo resulta em reflexão social e cultural
FOTO DE TÁRCIO CACOSS/BJD

Um assunto que tem causado perplexidade na sociedade é o jogo virtual “Baleia Azul”. Adolescentes e jovens de várias partes do mundo são levados ao suicídio, objetivo dos criminosos cibernéticos. No país, há uma série de investigações policiais.

Apesar de em Bragança Paulista não terem sido registradas ocorrências, segundo a Polícia Civil, o tema é preocupante e requer atenção de pais e responsáveis, amigos e parentes em relação a eventuais mudanças de comportamento.

O jogo é baseado numa série de 50 desafios cujo objetivo final do jogador é acabar com a própria vida. A origem não é conhecida, mas os primeiros relatos teriam surgido na Rússia. O “Baleia Azul” existe apenas nas redes sociais. O jogador é convidado a participar. Só é possível entrar por meio da aceitação de um integrante já aprovado.

O jogo consiste em uma série de desafios diários, enviados à vítima por um “curador”. Há desde tarefas simples como desenhar uma baleia azul numa folha de papel até as mórbidas, como cortar os lábios ou furar a palma da mão diversas vezes. Em outra tarefa, o participante deve “desenhar” uma baleia azul em seu antebraço com uma lâmina. Como desafio final, o jogador deve se matar.

COMPORTAMENTOS

A reportagem do BJD conversou com Adriana Luísa Galasso Rossi, psicóloga clínica que atende crianças, adolescentes e adultos, além de casais e famílias. Ela explica que nessa fase de mudanças físicas e que causam impactos psíquicos – uma vez que nesse momento o indivíduo deixa de ser criança para adquirir uma autonomia – pode haver uma crise de identidade, aliada a constantes contradições e oscilações.

“É uma fase de querer buscar modelos fora do contexto familiar, mas se não encontra, gera um momento de solidão, vazio e renúncia. Dependendo do ambiente em que está, o adolescente não consegue se amparar e se assegurar.

Se ele estiver num ambiente hostil, numa escola sofrendo bullying ou qualquer tipo de discriminação, há uma falta de identificação e se instala uma ideia negativa em si mesmo, que traz um desconforto emocional muito grande.

Ele não consegue encontrar no mundo de fora e nem no que ele viveu na infância, algo que lhe faça se sentir bem, que o deixe num estado de conforto e bem-estar, que o leve a fazer ideias e perspectivas de futuro”, diz.

A psicóloga afirma ainda que, diante desse contexto, a tendência é que as ideias suicidas passem a predominar nesse adolescente, que adere a situações tais quais as oferecidas pelo “Baleia Azul”.

“Se o adolescente não consegue achar respostas, vai se aproximar mais das ideias de morte do que de vida. Esses jogos tendem a usar o lado mais frágil do adolescente, para se apropriar e implantar esse tipo de tarefa.

É um desafio e, se esse adolescente não está encontrando grupos positivos para ele, essa realidade virtual oferecida pelo jogo passa a se tornar muito presente, como uma forma de conquista num mundo muito competitivo em que vivemos”, destaca.

A psicóloga esclarece também que é preciso refletir sobre o comportamento não só dos adolescentes, mas também dos pais. “Os pais têm que estar atentos não no sentido de simplesmente reprimir e invadir a privacidade dos filhos, mas de procurar entender o mundo dos filhos, sem também querer viver a vida deles. Encontrar esse equilíbrio é fundamental para

construir uma relação de confiança e conhecer melhor os filhos, fazer-lhes refletir sobre o que é bom ou ruim”, afirma.

MOTIVOS

Como o jogo não tem custos, o objetivo desses “curadores” é questionado. Adriana diz que não há dados que comprovem, mas pode ser uma projeção.

“Da mesma maneira que esses adolescentes vivem muitas angústias, talvez dentro desses grupos haja pessoas que estejam vivendo esse mesmo tipo de sentimento. Segundo a pensadora Melanie Kline, quando não conseguimos lidar com nossa realidade psíquica, projetamos algo que não está sendo organizado internamente no outro. É um mecanismo de defesa”, avalia.

RECOMENDAÇÕES

“É preciso que os pais estejam sempre muito atentos a qualquer mudança de comportamento brusca dos filhos. À medida em que fique mais complexa a situação, eles têm que buscar apoio. Hoje em dia a rede pública de saúde tem médicos psiquiatras e psicólogos para ajudar os pais a entender o que está se passando com os filhos. Aqui em Bragança temos o centro de saúde mental, os hospitais e a UPA”, finaliza.